RESUMO EXPANDIDO - IV. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA À AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS E GESTÃO DO CUIDADO EM ENFERMAGEM

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Felipe Luis Vaz Caluf (fkaluff@gmail.com)

Isabelle Pimentel De Oliveira (ioliveira.pimentel@gmail.com)

Erlon Gabriel Rego De Andrade (erlon.rego@gmail.com)

Gabriela Éleres Casseb (enf.gabrielaeleres@gmail.com)

Juliana Garcez (juliana.garcez@famaz.edu.br)

Ivanilson Pantoja Miranda (marcelamelopureza02@gmail.com)

Conhecimentos e práticas de enfermeiros da Atenção Primária à Saúde sobre transtorno do espectro autista

INTRODUÇÃO: O transtorno do espectro autista (TEA) corresponde a um distúrbio do desenvolvimento neurológico que provoca prejuízos à vida dos acometidos, caracterizando-se por manifestações como dificuldade de interação social, comportamentos repetitivos e comunicação verbal ou não verbal

prejudicada. Dada a complexidade do transtorno e a necessidade de manejá-lo corretamente, o diagnóstico e o tratamento devem ser realizados por equipes multiprofissionais (Angelis; Teixeira, 2022; Pereira et al., 2021). É imprescindível que isso ocorra em unidades da Atenção Primária à Saúde (APS), uma vez que são portas de entrada do Sistema Único de Saúde, razão pela qual constituem, muitas vezes, os locais de primeiro contato de pessoas com transtornos mentais nas Redes de Atenção à Saúde (Morais et al., 2021). Observa-se maior incidência de TEA entre crianças e adolescentes, reforçando a necessidade de rastreamento precoce no âmbito da APS. Os conhecimentos sobre esse transtorno são fundamentais para identificar e rastrear, de forma precoce, as primeiras alterações durante o crescimento e o desenvolvimento da criança. Todavia, um importante problema consiste na falta ou carência de conhecimentos relacionados ao TEA, visto que muitos enfermeiros ainda apresentam pouca segurança para identificar os sinais e manejar adequadamente os casos (Almeida et al., 2024). Assim, identificar os conhecimentos de enfermeiros sobre o tema é crucial para avaliar a necessidade de avanços e transformações nas condutas direcionadas às pessoas com TEA, pois a compreensão do transtorno e do seu rastreio pode repercutir diretamente na prestação de cuidados de enfermagem com qualidade. OBJETIVO: Analisar conhecimentos e práticas de enfermeiros da Atenção Primária à Saúde sobre o transtorno do espectro autista. MÉTODO: Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado com seis enfermeiros que atuavam em uma Unidade Municipal de Saúde localizada no Distrito Administrativo do Bengui, um dos oito Distritos Administrativos do município de Belém, Pará, Brasil. Foram incluídos enfermeiros que realizavam consultas de enfermagem a crianças e que atuavam na APS há, pelo menos, um ano. Optou-se por excluir os que estivessem afastados de suas atividades ocupacionais, por quaisquer motivos no período de produção dos dados, mas não houve exclusões e nem desistências. Um enfermeiro se recusou a participar devido ao receio para a gravação de voz durante a entrevista. Em setembro de 2025, os dados foram produzidos por meio de entrevistas individuais, conduzidas em sala reservada nas dependências da unidade de saúde. Utilizou-se roteiro semiestruturado constituído por perguntas para identificar o perfil dos participantes e explorar o objeto de estudo. As entrevistas foram transcritas para

formar um corpus textual, submetido à análise lexical com o software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ®, versão 0.8, alpha 7), utilizando a Classificação Hierárquica Descendente, com a qual foram geradas classes lexicais, organizadas pelos autores em eixos temáticos, de acordo com as similaridades e complementariedades semânticas inerentes ao corpus (Camargo; Justo, 2021). Atendendo aos preceitos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente, com Parecer n° 7.641.204, emitido em 14 de junho de 2025. RESULTADOS: Dos seis participantes, cinco (83,3%) eram do sexo feminino, e a idade variou entre 24 e 57 anos, com média de 36,3. A maioria atuava na APS há 13 anos ou mais (n=4; 66,7%), declarou ter concluído algum curso de especialização (n=5; 83,3%) e nunca ter participado de ações de capacitação específicas sobre TEA (n=5; 83,3%). No IRaMuTeQ®, o tratamento do corpus gerou 50 segmentos de texto (STs), dos quais foram aproveitados 43 (86,0%), percentual superior ao mínimo de 75,0% recomendado pela literatura (Camargo; Justo, 2021). Além disso, foram identificadas 1.780 ocorrências, 617 palavras distintas e sete classes lexicais, distribuídas em dois subcorpora, com a seguinte ordem de partição: no 1º subcorpus, foram alocadas as classes 7 (com 16,3% dos STs aproveitados), 2 (com 16,3%), 1 (com 11,6%) e 6 (com 13,9%); no 2º subcorpus, as classes 3, 4 e 5 (todas com 13,9%). Denominado “Conhecimentos dos enfermeiros sobre o rastreamento e o cuidado às pessoas com TEA na APS”, o eixo temático I se constituiu pelas classes 6, 1, 2 e 7, evidenciando como os profissionais reconheciam e conduziam os casos suspeitos. Nesse sentido, a classe 6 destacou o “encaminhamento” (X2=5,686) e o “acompanhamento” (X2=7,464) dessas pessoas na APS, reforçando a importância do referenciamento para a atenção especializada. A classe 1 revelou dados sobre a avaliação de crianças com suspeita de TEA na consulta de enfermagem, por meio de palavras como “consulta” (X2=24,510), “avaliar” (X2=9,507), “realizar” (X2=8,801), “unidade” (X2=7,631) e “enfermeiro” (X2=5,799), que se articulam fortemente, indicando que os profissionais reconheciam sua responsabilidade e inserção no cuidado às crianças na APS. A classe 2 mostrou a necessidade de articulação entre diferentes profissionais nas ações de cuidado, destacando os termos “incluir”

(X2=16.856), “melhorar” (X2=16.586) e “pediatra” (x^2=9.507), o que reforça a importância da abordagem multiprofissional na avaliação e no acompanhamento da criança. Por sua vez, a classe 7 tratou dos desafios inerentes ao rastreamento do TEA, como demonstram as palavras “não” (X2=24,510), “dificuldade” (X2=8,801) e “identificar” (X2= 6,625), revelando percepções sobre a fragilidade do processo de rastreio. Intitulado “Limitações de conhecimento sobre o rastreio e o cuidado às pessoas com TEA na APS”, o eixo temático II se constituiu pelas classes 3, 5 e 4, evidenciando resultados pautados na noção de fragilidade, que dificultavam a atuação efetiva dos enfermeiros e a condução de crianças com suspeita de TEA, o que ressaltou importantes entraves para o manejo e o processo de rastreio na APS. Nesse sentido, a classe 3 mostrou o despreparo para a implementação dos instrumentos de rastreio, ressaltando termos como “utilizar” (X2=16,856), “instrumento” (X2=16,586) e “preparado” (X2=8,801). Isso denota uma condição de insuficiência relacionada à capacitação profissional para o manejo clínico e para o melhor conhecimento acerca dos instrumentos que auxiliam o rastreio, quando associados às consultas na APS. A classe 5 tratou da ausência de um fluxo de atendimento padronizado para pessoas com TEA na APS, como demonstram as palavras “existir” (X2=20,993), “atendimento” (X2=20,993) e “fluxo” (X2=4,773), o que possivelmente resulta na fragmentação do cuidado e em atrasos no rastreamento precoce, desnudando a falta de institucionalização de determinados fluxos na unidade de saúde. Por sua vez, a classe 4 focalizou a necessidade de formação acadêmico-profissional sobre o TEA, visando auxiliar a avaliação crítico-reflexiva. Termos como “atender” (X2=16,586), “formação” (X2=6,625) e “criança” (X2=2,731) mostram que os participantes reconheceram que lacunas de conhecimento repercutiam diretamente em sua capacidade de avaliar o desenvolvimento infantil durante as consultas. Para aprimorar o processo clínico-avaliativo e promover a qualidade do cuidado, consideraram essencial ampliar o grau de conhecimento e participação em ações sistemáticas de capacitação sobre o tema. CONCLUSÃO: Os dados revelaram lacunas que comprometem a qualidade da assistência, como as fragilidades de conhecimento e a insegurança para utilizar instrumentos específicos de rastreio do TEA na APS. Isso pode limitar as ações de detecção precoce e resultar na fragmentação dos processos de cuidado desenvolvidos

por enfermeiros. Por esse motivo, é necessário investir fortemente em estratégias de formação acadêmica e educação permanente dos profissionais nos âmbitos da educação superior e dos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. dos S. M. de et al. Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. Revista de Enfermagem da UFPI, v. 13, e3953, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.26694/reufpi.v13i1.3953. Acesso em: 27 abr. 2026.

ANGELIS, L. O. de; TEIXEIRA, M. C. T. V. Transtorno do espectro do autismo (TEA): caracterização, diagnóstico e intervenção. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 22, n. 2, p. 108-125, 2022. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/15625. Acesso em: 27 abr. 2026.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Florianópolis, SC: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2021. 73 p. Disponível em: https://laccos.ufsc.br/software-iramuteq/. Acesso em: 25 set. 2025.

MORAIS, L. G. de A. et al. Saúde mental: o papel da atenção primária à saúde. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 3, p. 10475-10489, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-071. Acesso em: 30 abr. 2026.

PEREIRA, P. L. S. et al. Importância da implantação de questionários para rastreamento e diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista (TEA) na atenção primária. Brazilian Journal of Health Review, v. 2, p. 8364-8377, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-360. Acesso em: 30 abr. 2026.

INTRODUCCIÓN: El trastorno del espectro autista (TEA) es un trastorno del neurodesarrollo que afecta la vida de las personas afectadas, caracterizado por manifestaciones como dificultad en la interacción social, conductas repetitivas y dificultades en la comunicación verbal o no verbal. Dada la complejidad del trastorno y la necesidad de su manejo adecuado, el diagnóstico y el tratamiento deben ser realizados por equipos multidisciplinarios (Angelis; Teixeira, 2022; Pereira et al., 2021). Es fundamental que esto ocurra en las unidades de Atención Primaria de Salud (APS), ya que son puntos de entrada al Sistema Único de Salud (SUS), razón por la cual suelen constituir los primeros puntos de contacto para las personas con trastornos mentales en las Redes de Atención de Salud (Morais et al., 2021). Se observa una mayor incidencia de TEA entre niños y adolescentes, lo que refuerza la necesidad de una detección temprana en el contexto de la APS. El conocimiento sobre este trastorno es fundamental para identificar y monitorear, precozmente, los primeros cambios durante el crecimiento y desarrollo de un niño. Sin embargo, un problema importante radica en la falta o deficiencia de conocimientos sobre el TEA, ya que muchos enfermeros aún carecen de confianza para identificar los signos y manejar adecuadamente los casos (Almeida et al., 2024). Por lo tanto, identificar el nivel de conocimiento de los enfermeros sobre el tema es crucial para evaluar la necesidad de avances y transformaciones en la atención a las personas con TEA, dado que la comprensión del trastorno y su detección pueden impactar directamente en la prestación de una atención de enfermería de calidad. OBJETIVO: Analizar el conocimiento y las prácticas de las enfermeras de atención primaria de salud con respecto al trastorno del espectro autista. MÉTODO: Se realizó un estudio descriptivo con un enfoque cualitativo con seis enfermeras que trabajaban en una Unidad de Salud Municipal ubicada en el Distrito Administrativo de Bengui, uno de los ocho Distritos Administrativos del municipio de Belém, Pará, Brasil. Se incluyeron enfermeras que brindaban consultas de enfermería a niños y que habían trabajado en atención primaria de salud por al menos un año. Se excluyeron aquellas que estuvieron ausentes de sus actividades laborales por cualquier motivo durante el período de recolección

de datos, pero no hubo exclusiones ni retiros. Una enfermera se negó a participar debido a la aprensión a la grabación de voz durante la entrevista. En septiembre de 2025, se recolectaron datos a través de entrevistas individuales realizadas en una sala privada en las instalaciones de la unidad de salud. Se utilizó una guía de entrevista semiestructurada para identificar el perfil de los participantes y explorar el objeto de estudio. Las entrevistas se transcribieron para formar un corpus textual, el cual fue sometido a análisis léxico utilizando el software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ®, versión 0.8, alfa 7), empleando la Clasificación Jerárquica Descendente. Esto generó clases léxicas, que los autores organizaron en ejes temáticos según las similitudes y complementariedades semánticas inherentes al corpus (Camargo; Justo, 2021). De acuerdo con los preceptos de la Resolución N° 466/2012 del Consejo Nacional de Salud/Ministerio de Salud, el estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la institución proponente, con Dictamen N° 7.641.204, emitido el 14 de junio de 2025. RESULTADOS: De los seis participantes, cinco (83,3%) eran mujeres, y sus edades oscilaban entre los 24 y los 57 años, con una media de 36,3. La mayoría llevaba 13 años o más trabajando en atención primaria de salud (n=4; 66,7%), declararon haber completado algún curso de especialización (n=5; 83,3%) y nunca habían participado en acciones de formación específicas sobre TEA (n=5; 83,3%). En IRaMuTeQ®, el procesamiento del corpus generó 50 segmentos de texto (ST), de los cuales se utilizaron 43 (86,0%), un porcentaje superior al mínimo del 75,0% recomendado en la literatura (Camargo; Justo, 2021). Además, se identificaron 1780 ocurrencias, 617 palabras distintas y siete clases léxicas, distribuidas en dos subcorpus, con el siguiente orden de partición: en el primer subcorpus, se asignaron las clases 7 (con 16,3% de los ST utilizados), 2 (con 16,3%), 1 (con 11,6%) y 6 (con 13,9%); en el segundo subcorpus, las clases 3, 4 y 5 (todas con 13,9%). Titulado “Conocimiento de las enfermeras sobre la detección y el cuidado de personas con TEA en atención primaria de salud”, el eje temático I consistió en las clases 6, 1, 2 y 7, destacando cómo los profesionales reconocieron y manejaron los casos sospechosos. En este sentido, la clase 6 destacó la “derivación” (X2=5,686) y el “seguimiento” (X2=7,464) de estas personas en atención primaria de salud, reforzando la importancia de la

derivación a atención especializada. La Clase 1 reveló datos sobre la evaluación de niños con sospecha de tener TEA durante las consultas de enfermería, a través de palabras como "consulta" (X2=24,510), "evaluar" (X2=9,507), "realizar" (X2=8,801), "unidad" (X2=7,631) y "enfermera" (X2=5,799), que están fuertemente vinculadas, lo que indica que los profesionales reconocieron su responsabilidad y participación en el cuidado de los niños en la atención primaria de salud. La clase 2 demostró la necesidad de coordinación entre diferentes profesionales en las acciones de atención, destacando los términos "incluir" (X2=16,856), "mejorar" (X2=16,586) y "pediatra" (X2=9,507), lo que refuerza la importancia de un enfoque multidisciplinario en la evaluación y el seguimiento del niño. A su vez, la clase 7 abordó los desafíos inherentes a la detección del TEA, como lo demuestran las palabras "no" (X2=24,510), "dificultad" (X2=8,801) e "identificar" (X2=6,625), revelando percepciones sobre la fragilidad del proceso de detección. Titulado “Limitaciones del conocimiento sobre la detección y atención de personas con TEA en API”, el eje temático II consistió en las clases 3, 5 y 4, destacando resultados basados en la noción de fragilidad, que obstaculizó el desempeño efectivo de las enfermeras y el manejo de niños con sospecha de tener TEA, enfatizando importantes obstáculos para el proceso de manejo y detección en API. En este sentido, la clase 3 mostró falta de preparación para la implementación de instrumentos de detección, destacando términos como “uso” (X2=16.856), “instrumento” (X2=16.586) y “preparado” (X2=8.801). Esto denota una condición de insuficiencia relacionada con la capacitación profesional para el manejo clínico y para un mejor conocimiento sobre los instrumentos que ayudan en la detección, cuando se asocian con consultas en API. La clase 5 abordó la ausencia de un flujo de atención estandarizado para personas con TEA en atención primaria, como lo demuestran las palabras "existir" (X2=20.993), "atención" (X2=20.993) y "flujo" (X2=4.773), lo que posiblemente resulta en una atención fragmentada y retrasos en la detección temprana, revelando la falta de institucionalización de ciertos flujos en la unidad de salud. A su vez, la clase 4 se centró en la necesidad de capacitación académica y profesional sobre TEA, con el objetivo de ayudar en la evaluación crítico-reflexiva. Términos como "atención" (X2=16.586), "capacitación" (X2=6.625) y "niño" (X2=2.731) muestran que los participantes reconocieron que las lagunas

de conocimiento impactaban directamente su capacidad para evaluar el desarrollo infantil durante las consultas. Para mejorar el proceso de evaluación clínica y promover la calidad de la atención, consideraron esencial aumentar el nivel de conocimiento y la participación en acciones de capacitación sistemáticas sobre el tema. CONCLUSIÓN: Los datos revelaron deficiencias que comprometen la calidad de la atención, como la falta de conocimientos y la inseguridad en el uso de herramientas de detección específicas para el TEA en la atención primaria. Esto puede limitar los esfuerzos de detección temprana y provocar la fragmentación de los procesos de atención desarrollados por el personal de enfermería. Por ello, es necesario invertir considerablemente en la formación académica y en estrategias de educación continua para los profesionales de la educación superior y los servicios de salud.

INTRODUCTION: Autism spectrum disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that impairs the lives of those affected, characterized by manifestations such as difficulty in social interaction, repetitive behaviors, and impaired verbal or nonverbal communication. Given the complexity of the disorder and the need for its proper management, diagnosis and treatment should be carried out by multidisciplinary teams (Angelis; Teixeira, 2022; Pereira et al., 2021). It is essential that this occurs in Primary Health Care (PHC) units, since they are entry points to the Unified Health System (SUS), which is why they often constitute the first points of contact for people with mental disorders in the Health Care Networks (Morais et al., 2021). A higher incidence of ASD is observed among children and adolescents, reinforcing the need for early screening within the PHC context. Knowledge about this disorder is fundamental for identifying and tracking, early on, the first changes during a child's growth and development. However, a significant problem lies in the lack or deficiency of knowledge related to ASD, since many nurses still lack confidence in identifying the signs and adequately managing cases (Almeida et al., 2024). Thus, identifying nurses' knowledge on the subject is crucial to assess the need for advancements and transformations in the conduct directed at people with ASD, as understanding the disorder and its screening can directly impact the provision of quality nursing care. OBJECTIVE: To analyze the knowledge and practices of

primary health care nurses regarding autism spectrum disorder. METHOD: A descriptive study with a qualitative approach was conducted with six nurses working in a Municipal Health Unit located in the Bengui Administrative District, one of the eight Administrative Districts of the municipality of Belém, Pará, Brazil. Nurses who provided nursing consultations to children and who had been working in primary health care for at least one year were included. Those who were absent from their occupational activities for any reason during the data collection period were excluded, but there were no exclusions or withdrawals. One nurse refused to participate due to apprehension about voice recording during the interview. In September 2025, data were collected through individual interviews conducted in a private room on the health unit premises. A semi-structured interview guide was used to identify the participants' profile and explore the object of study. The interviews were transcribed to form a textual corpus, which was subjected to lexical analysis using the software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ®, version 0.8, alpha 7), employing Descending Hierarchical Classification. This generated lexical classes, which the authors organized into thematic axes according to the semantic similarities and complementarities inherent in the corpus (Camargo; Justo, 2021). In accordance with the precepts of Resolution No. 466/2012 of the National Health Council/Ministry of Health, the study was approved by the Research Ethics Committee of the proposing institution, with Opinion No. 7.641.204, issued on June 14, 2025. RESULTS: Of the six participants, five (83.3%) were female, and their ages ranged from 24 to 57 years, with a mean of 36.3. Most had been working in primary health care for 13 years or more (n=4; 66.7%), reported having completed some specialization course (n=5; 83.3%), and had never participated in specific training actions on ASD (n=5; 83.3%). In IRaMuTeQ®, the corpus processing generated 50 text segments (TSs), of which 43 (86.0%) were used, a percentage higher than the minimum of 75.0% recommended in the literature (Camargo; Justo, 2021). Furthermore, 1,780 occurrences, 617 distinct words, and seven lexical classes were identified, distributed across two subcorpora, with the following partitioning order: in the 1st subcorpus, classes 7 (with 16.3% of the STs used), 2 (with 16.3%), 1 (with 11.6%), and 6 (with 13.9%) were allocated; in the 2nd subcorpus, classes 3, 4, and 5 (all with 13.9%). Entitled “Nurses’ knowledge

about screening and care for people with ASD in primary health care," thematic axis I consisted of classes 6, 1, 2, and 7, highlighting how professionals recognized and managed suspected cases. In this sense, class 6 highlighted the "referral" (X2=5.686) and "follow-up" (X2=7.464) of these individuals in primary health care, reinforcing the importance of referral to specialized care. Class 1 revealed data on the assessment of children suspected of having ASD during nursing consultations, through words such as "consultation" (X2=24.510), "assess" (X2=9.507), "perform" (X2=8.801), "unit" (X2=7.631), and "nurse" (X2=5.799), which are strongly linked, indicating that professionals recognized their responsibility and involvement in the care of children in primary health care. Class 2 demonstrated the need for coordination among different professionals in care actions, highlighting the terms "include" (X2=16.856), "improve" (X2=16.586), and "pediatrician" (x^2=9.507), which reinforces the importance of a multidisciplinary approach in the assessment and monitoring of the child. In turn, class 7 addressed the challenges inherent in screening for ASD, as demonstrated by the words "no" (X2=24.510), "difficulty" (X2=8.801), and "identify" (X2=6.625), revealing perceptions about the fragility of the screening process. Entitled "Limitations of knowledge about screening and care for people with ASD in PHC", thematic axis II consisted of classes 3, 5, and 4, highlighting results based on the notion of fragility, which hindered the effective performance of nurses and the management of children suspected of having ASD, emphasizing important obstacles to the management and screening process in PHC. In this sense, class 3 showed unpreparedness for the implementation of screening instruments, highlighting terms such as "use" (X2=16.856), "instrument" (X2=16.586), and "prepared" (X2=8.801). This denotes a condition of insufficiency related to professional training for clinical management and for better knowledge about the instruments that assist in screening, when associated with consultations in PHC. Class 5 addressed the absence of a standardized care flow for people with ASD in primary health care, as demonstrated by the words "exist" (X2=20.993), "care" (X2=20.993), and "flow" (X2=4.773), which possibly results in fragmented care and delays in early screening, revealing the lack of institutionalization of certain flows in the health unit. In turn, class 4 focused on the need for academic and professional training on ASD, aiming to assist in critical-reflective evaluation. Terms such as "care"

(X2=16.586), "training" (X2=6.625), and "child" (X2=2.731) show that participants recognized that knowledge gaps directly impacted their ability to assess child development during consultations. To improve the clinical-evaluative process and promote quality of care, they considered it essential to expand the level of knowledge and participation in systematic training actions on the subject. CONCLUSION: The data revealed gaps that compromise the quality of care, such as weaknesses in knowledge and insecurity in using specific screening tools for ASD in primary health care. This can limit early detection efforts and result in the fragmentation of care processes developed by nurses. For this reason, it is necessary to invest heavily in academic training and continuing education strategies for professionals in higher education and health services.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. dos S. M. de et al. Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. Revista de Enfermagem da UFPI, v. 13, e3953, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.26694/reufpi.v13i1.3953. Acesso em: 27 abr. 2026.

ANGELIS, L. O. de; TEIXEIRA, M. C. T. V. Transtorno do espectro do autismo (TEA): caracterização, diagnóstico e intervenção. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 22, n. 2, p. 108-125, 2022. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/15625. Acesso em: 27 abr. 2026.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Florianópolis, SC: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2021. 73 p. Disponível em: https://laccos.ufsc.br/software-iramuteq/. Acesso em: 25 set. 2025.

MORAIS, L. G. de A. et al. Saúde mental: o papel da atenção primária à saúde. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 3, p. 10475-10489, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-071. Acesso em: 30 abr. 2026.

PEREIRA, P. L. S. et al. Importância da implantação de questionários para rastreamento e diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista (TEA) na atenção primária. Brazilian Journal of Health Review, v. 2, p. 8364-8377, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-360. Acesso em: 30 abr. 2026.

Palavras-chave: transtorno de espectro autista; atenção primária; criança.